



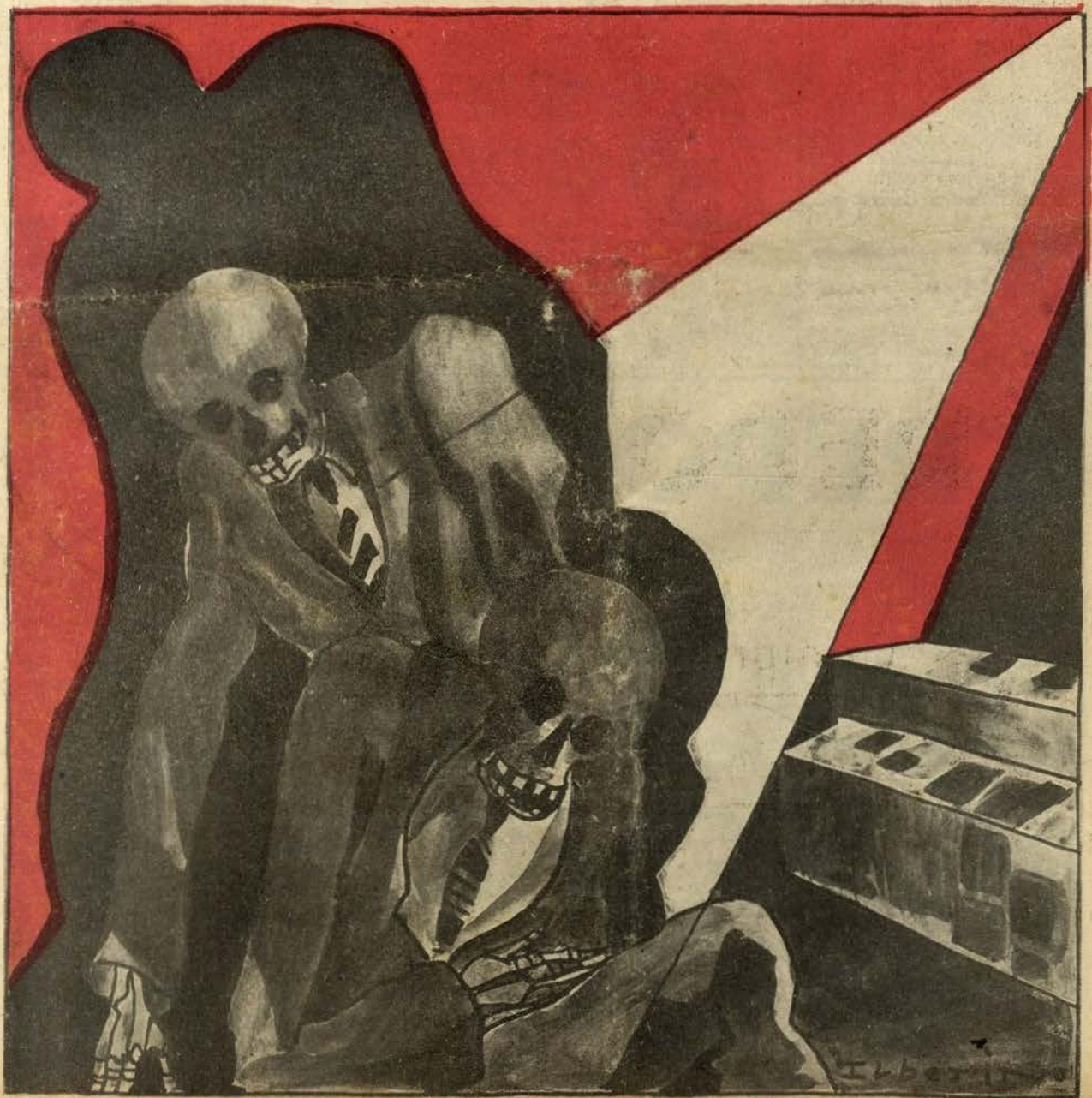
Veponite

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

3 de Janeiro de 1931

Numero 2



LER NESTE NUMERO: Os dois esqueletos do «Eldorado Theater», sensacional «Spectacular»

"GARANTIA"

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece à matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escaud-la o seu passado

SÉDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL
Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Bancaria Sousa, Cruz & C.a. L.da

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua de S. Julião, 63 a 71
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil
e America do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte
da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

MODICIDADE DE PREÇOS
Antes de comprar uma maquina de escrever portátil ou para escritório, sirva-se V. Ex.^a pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente:

CARLOS DUNKEL - R. Sá da Bandeira, 62

Telefone: 1013 — PORTO

SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodos

Preço 1\$00

Á venda em todas as drogeries

COMPANHIA GERAL DE CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

LISBOA - Rua Augusta, 235

TELEFONES: 21351 e 21352

Delegação no PORTO

Praça Almeida Garrett, 35

Agencia em COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 100, 1.º

Nova instalação, feita pela casa «FICHET», de Paris, de cofres de aluguer, nas magnificas casas fortes na :- séde da Companhia, em Lisboa :-



JULIO GORGAL

RÉCLAMES
CARTAZES

Publicidade no
«REPORTER X»

e todos os jornais nacionais e estrangeiros

"REPORTER X"

Compram-se os números 1,
5, 6 e 7 dêste semanário
que se encontram esgotados

Trata-se na administração do REPORTER X, Rossio, 3, 3.º

■ LISBOA ■

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM
E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto á venda
simultaneamente em todo o país

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor
ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3. 3.º — TELEFONE 25442 — LISBOA
End. Telegr.: REPORTERX — LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.
RUA D. PEDRO V. 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 " " " 25 " —Esc. 22\$50
12 " " " 52 " —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescém os respectivos portes
Pagamento adiantado

Homens & Factos do Dia

Eu conto... Foi em Londres — numa madrugada em que o nevoeiro entrouxava em nuvens os próprios transeantes... Recolhia ao meu hotel, pensativo, meditando... Vinha duma orgia satânica onde as Cleopatras bebiam Champagne em taças onde as perolas mais preciosas se liquefaziam... Uma princesa russa, Wanda Petrovitch (as princesas russas são sempre Wandas), enlouquecera-me com as promessas felinas, com as carícias que os seus dedos silhuetavam, sem tocarem sequer na minha carne, arrepiada pelo frisson dos desejos incendiados e insatisfeitos... «Amo-te!» — exclamei. — «Quero-te! Desejo-te com furia de glutão e com a humildade de escravo!» E Wanda, plagiando um soneto de Julio Dantas, que ela lera traduzido em russo, segredou-me: «Conta cinco mil libras, jovem — e serei tua!» Abri a bolsa — e contei... Duas, três, quatro, cinco! Cinco moedas de schillings... Não chegava... Sai do templo da Bacchanal, na esperança de que o ar gélido da noite assoprasse, até extingui-las, as labaredas em que eu ardia... Vã ilusão! O brasido do desejo tornou-se em auto-de-fé! Cinco mil libras — cinco schillings... 99.995 schillings de diferença! Atirei-me para uma cadeira — frente ao fogão... e eis que no ecran vermelho rectangular pela lenha crepitante se silhuetou um Satanaz pigmeu... Tomei-o como visão da febre sensual em que me debatia... Mas a sua voz, uma voz aflautada, ex-humana, suggestionou-me, perturbou-me. (O truc é velho. Vem no «Mandarim» e em tódos os romances e contos do género — mas não tenho outro á mão... da fantasia...)

— Ouve, Reinaldo. Necessitas de 99.995 schillings — fungou a tal voz misteriosa — para possuíres a princesa Wanda, fora os dez schillings para o taxi e para outras despesas prudentes em tais aventuras. Está ao teu alance a chave diamantina do paraizo que cubiças... Abafa a consciência; esquece ideais; pula sobre tódas as afirmações públicas que fizeste até hoje... Além disso — ninguem o saberá. Fica só entre nós dois...

— Que queres tu dizer com isso? — indaguei alucinado.

— Existem milhares de individuos, precisamente os que se encontram no polo oposto das tuas ideias e principios — os monarquicos, os jesuitas, os reaccionários — tão queimados pelo ódio como tu pelo amor... Eles são capazes de pagar por qualquer preço a satisfação desse ódio. Esse ódio perfura a Republica e alcança, um pleno coração, o Dr. Afonso Costa. Inventá calunia, salpica de lama o Dr. Afonso Costa e terás as 5.000 libras e 10 schillings que necessitas...

Foi como se dissessem ao cego: «Toma a luz dos teus olhos!»; ou ao leproso: «Aqui tens o balsamo para as tuas dores»; ou ao esfomeado: «Come este bife á inglesa com batatas e ovos estrelados!». Uma onda de sangue duchava-me o cérebro. Não hesitei. Lancei-me num vai-vem nervoso pelo meu quarto — a en-

(Conclui na pag. 14)

Os pontos nos i i

SENHORES — piedade! Senhoras — jurem-me que serão indulgentes! Vou ser franco; vou confidenciar-me; tentar o vosso perdão pelo caminho amarguissimo da confissão, do arrependimento e da penitência — mas sejam generosos para que essa coragem bruxoleante que me anima — que não é coragem mas apenas reflexo vermelho da consciência em fôgo...

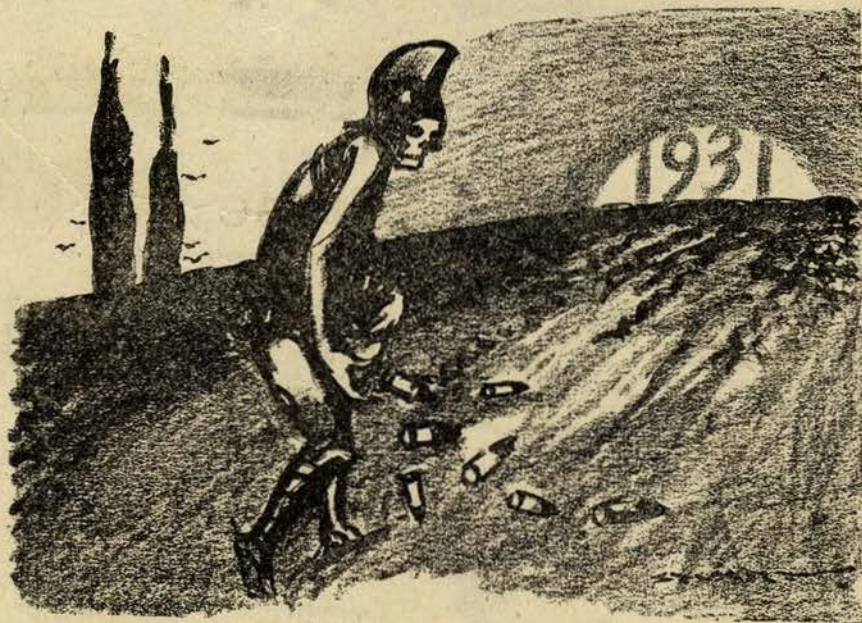


— não se apague... Olhem para mim: o meu joelho ulcerá-se no lagêdo, junto aos vossos pés; a minha cabeça tomba, humilde, sobre o peito pecador; a minha mão bate, ritmica e tremula, o mea culpa... Acerquem os vossos ouvidos dos meus lábios — para escutarem o murmúrio da minha voz — o murmúrio apenas, porque temo que, ao ouvir-me eu próprio, me aterre e que deserte pela estrada covarde do silêncio... Após três meses de ausência, regresso ao lar, regresso junto a vós, como aqueles filhos loucos e cruéis que abalaram e que voltam para suplicar dos pais a absolvição para os crimes que cometeram — porque só no amor paternal podem encontrar o milagre do perdão...

Senhores — vou confessar-me... Senhoras — tenham piedade deste arrependido pecador...

VISÃO DO MUNDO EM 1931

Por Stuart
Carvalhois



A Semeadora

UM SINGULAR PROCESSO DE DIVORCIO

RUÍNA E ADULTÉRIO — A FOTOGRAFIA COMPROMETEDORA — A MISTERIOSA
DAMA DE NEGRO — UMA MADRUGADA NO HOTEL... — A HORA DECISIVA

O sr. A. M. conquistou nos meios comerciais a reputação, aliás justificadamente merecida, dum negociante rico, empreendedor e activo.

Audacioso nos seus planos, hábil na maneira como se insinuava no ânimo dos capitalistas cujo concurso era indispensável ao êxito das suas transacções, conseguiu, em poucos anos, a-pesar-de já terem passado os famosos tempos da Guerra Mundial, fazer uma esplendida fortuna.

Até o seu matrimónio fôra um acto de bom comércio, pois contraira-o com uma linda rapariga, filha dum rico comerciante, homem um pouco rotineiro e escrupuloso.

Subitamente, as coisas mudaram. A falta de venda de alguns artigos em que empantara consideráveis capitais deixou-o em uma situação financeira precária. Veio, por fim, a descida brusca de cotação de alguns produtos coloniais vibrar, na sua existência comercial, o golpe derradeiro, e arrastou na queda o sógro, que teve, para honrar compromissos, de vender os seus bens.

A. M. conservou, apesar do desastre, a sua inabalável confiança em si próprio. Alguns, raros amigos que conservara, apesar dos seus modos bruscos, vieram oferecer-lhe situações comerciais que outro qualquer, em seu lugar, teria aceitado com alegria.

Recusou tódos os oferecimentos com alegações que não convenceram os seus amigos, os quais suspeitaram, e não sem motivo, que êle já teria traçado um novo plano de existência.

Contudo, a primeira noticia que circulou acêrca de A. M., após a sua ruína, não deixou de causar certa admiração: uma acção de divórcio.

Pois A. M. arruinara o sógro, e depois abandonava a mulher, cujo dote também gastara, arrastando-lhe ainda a reputação pela lama?

Ninguém, a principio, acreditou naquela história de adultério que A. M. alegara ao pedir o divórcio.

E recordavam tódos a mulher de A. M., que a-pesar-de muito nova e formosa raras vezes se exhibia em público, pois passava quasi o ano inteiro metida em casa, cuidando das coisas do lar e dedicada, quasi em exclusivo, a seu filho, um rosado e aloirado garotito de grandes e expressivos olhos azuis. A ideia dum adultério, com semelhante mulher, a quem ninguem conhecia um riso claro, um olhar alegre ou um gesto expansivo, foi por tódos considerada absurda.

A. M. adoptara, mal soube do scepticismo com que acolheram a sua alegação, uns ares de pessoa vitima duma grande injustiça do destino. E acabou, para se defender da reprovação que lia nos olhos dos seus próprios amigos, por cair em torpes confidências, chegando a exhibir algumas fotografias nas quais se via sua mulher entrando para um dos mais conhecidos hotéis lisboetas. Diante daquela prova decisiva tódos acabaram por se calar, dando-se por convencidos.

Dissera-se, a principio, que êle pretendia afastar-se da mulher para casar com uma aventureira norte-americana, muito rica, que se encontrava há alguns anos em

a sua reputação, que queria conservar sem mácula. E acrescentara com as lágrimas bailando-lhe nos olhos:

— Não quero que um dia meu filho tenha de córar quando lhe falem de sua mãe.

P. R. sorriu subrepticamente. Estava, de há muito, habituado áquelas manifestações de dignidade ultrajada. Sabia, pela sua longa experiência, que as mulheres têm na maioria dos casos um certo pudor em confessar, num processo de divórcio, que faltaram ao cumprimento dos deveres conjugais.

E foi escutando, com scepticismo, a história que ela lhe contava por entre lágrimas e vibrando de indignação. Quando chegou ao pormenor das fotografias, alvoroçou-se-lhe a curiosidade.

Aquela criatura—pensou—ou era uma grande mystificadora ou estava sendo vitima duma odiosa maquinação. E encarando fixamente a mulher que recorria, lacrimejando, ao auxilio do seu talento, disse-lhe com voz firme:

— Jure-me pelo seu filho, a quem estremece, que não é da senhora a fotografia que seu marido juntou ao processo.



O advogado chegara a duvidar da sinceridade da sua cliente

Lisboa, e onde o seu altivo desprezo das convenções sociais originara comentários acerbos. Frisava-se, e com razão, que a sua capacidade amorosa excedia, e em muito, as conveniências...

*
*
*

Há um mês, uma senhora nova, bonita, trajando com simplicidade, entrou no escritório dum dos nossos mais distintos advogados. Recebida, após duas horas de espera, numa salinha escura e mobilada sem gosto, expôs ao illustre causidico a questão que ali a arrastara. Pretendia—disse levemente ruborizada—contestar a acção de divórcio contra ela intentada por seu marido, o conhecido negociante A. M.. Não porque desejasse a volta dêle ao lar, visto que entre ambos se abria um abismo intransponível, mas unicamente para defender

P. R. chegou a suspeitar que estava sendo vitima duma mystificação. Falara no hotel com o porteiro, dois *grooms*, a creada dos quartos, o guarda de noite e até com o proprietário. E tódos êles fôram unânimes em reconhecer a mulher de A. M. como a da fotografia. Além disso, não havia a menor contradição nos seus depoimentos. Tódos a descreviam alta e elegante, trajando de negro, seu rôsto quasi occulto por um chapéu também negro, de abas largas, caprichosamente recortadas.

P. R., depois de muito reflectir sobre êste caso, que se tornava cada vez mais complicado, tomou a decisão de escrever á mulher de A. M. aconselhando-a a ir, em dia e hora que indicou, hospedar-se no hotel que era acusada de frequentar.

Era, dizia na carta que lhe escrevera, a unica maneira que descobrira para se conseguir desfazer o equívoco que tão gravemente a afectava na sua reputação.

Na noite do dia indicado, P. R. aguardou, no *hall* do hotel, a chegada da sua cliente. E, de madrugada, pontualmente pela 1 hora, a espôsa de A. M. entrava no hotel trajando de negro, rôsto quasi

(Conclui na pag. 15)

O NEGUS DA ABYSSÍNIA

tem uma história maravilhosa de mistério, crueldade e emoção, que lembra uma lenda oriental

REZAM as crônicas etíopes que em tempos uma rainha regente, temendo pela vida do seu rebento, enviou este, poucos dias depois de nascido, para uma inexpugnável fortaleza alancorada num dos píncaros mais inacessíveis dos Montes Tchoko, para os lados do Lago Tana onde nasce o Nilo Azul.

O real pimpolho foi entregue aos cuidados duma ama e á guarda de oitocentos fiéis cavaleiros das tribus leaes de Amharas, Tigres e Godjamas.

Aqueles píncaros, de 3 e 4.000 metros de altitude, apenas chegava o grito dilacerante das águias e o constante trovejar das cascatas despenhando-se nos desfiladeiros que levam as aguas até ao Abai ou Nilo Azul.

A noite, á volta da fogueira, na esplanada da velha fortaleza, havia coros dolentes e nostálgicos dos cavaleiros saudosos das planícies e opíacos acompanhamentos de píafos e adufes. Na tenda real, junto ao berço doirado, estava o berço miserável do filho da ama. E a fiel escrava, abanando o berço do futuro Négus, também abanava o berço de seu filho. E a mesma melopeia triste da velha lenda cantada adormecia as duas crianças. Mas o demónio da ambição começou roendo o coração da fiel escrava; e esta resolveu substituir seu filho ao filho da rainha para que aquêlle viesse a ser Négus. Só ela os sabia distinguir, tão parecidos eram; a substituição seria fácil.

Muitas vezes as águias gritaram e levaram pedaços de carnes sangrentas aos ninhos escondidos nos mais agudos picos dos Montes Tchoko. Muitas invernia engrossaram o trovejar das aguas que descem até ao Nilo Azul.

As crianças transformaram-se em dois formosos adolescentes, ambos destros nos exercícos guerreiros e ambos votados a gloriosos e sangrentos futuros.

Um dia dum séquito de ministros e sacerdotes,

nícies e florestas, por caminhos bordados de palmeiras e aloes, cortando os rios e bordeando os lagos, lá foi o filho da escrava para ser coroado, para ser feito Négus, em Adis-Abeba.

Raz Tafari viajou pela Europa. Visitou chefes de Estados; conhece o mundo branco e a sua civilização. Em Inglaterra ficou encantado com os gigantes «shakos» da guarda real; á volta à Abyssí-



Um aspecto da recente coroação do Négus Negesti

Mas este falso Négus amava seu irmão de leite e não o esqueceu na sua glória; fê-lo «raz» duma das mais importantes províncias, cumulou-o de benesses e regalias. Tudo parecia favorecer a ambição da traidora ama. Mas um dia quis o destino que Raz Tafari, o pretense filho da escrava, consultasse um célebre feiticeiro egípcio. E todo o mistério do seu nascimento e a negra traição de sua falsa mãe, tudo lhe foi revelado pelo mago. Então uma surda cólera e todos os atávicos instintos de autocrata déspota despertaram á uma no seu peito forte de guerreiro, prorompindo em gritos de vingança.

No alto dum despenhadeiro tódo erigido de rochas de afiado gume, a velha escrava infiel foi amarrada á cauda dum cavalo enlouquecido por misteriosa herva só dos feiticeiros conhecida. Alguns segundos, e do cavalo e da escrava só restavam pedaços sangrentos sobre as rochas, pedaços que as águias levariam aos ninhos escondidos nos mais altos píncaros da montanha.

Raz Tafari era querido dos guerreiros e, revelado o mistério do seu nascimento, tódos o seguiram na marcha sobre Adis-Abeba, á reconquista do trono.

O novo, o verdadeiro Négus ia animado de benévolas intenções para com seu irmão de leite. Mas nova traição o aguardava. Na capital havia deixado noiva, uma formosa princesa; agora vinha-a encontrar casada com seu traidor irmão.

Mais forte gritou então a vingança dentro de seu peito forte de guerreiro. O falso Négus foi degolado; e a infiel princesa para sempre encarcerada na velha fortaleza alancorada sobre um dos picos dos Montes Tchoko. Agora ali está escutando o grito dilacerante das águias e o eterno trovejar das aguas que da montanha caem para o Nilo Azul.

nia mandou fazer iguais «shakos» para os soldados da sua guarda, mas preferiu mandá-los fazer de pele de leão.

Antes da sua coroação, Raz Tafari foi importunado por várias revoltas de alguns «raz» desconcentes; mas os revoltosos pagaram as suas veleidades a ferro e fogo.

Por razões de Estado, o Négus casou com a filha do mais importante dos «raz» governador de provincia.

Raz Tafari foi agora coroado Négus Negesti da Abyssínia, tomando para si o nome de Haile Selassie I; foi coroado pelas mãos do maior dos seus sacerdotes e com assistência de enviados especiais representando as potências europeias com colónias vizinhas.

Com um fausto digno de quem se supõe descendente da Rainha de Sabá, com uma pompa que já não tem realização em nossos dias, celebrou-se o banquete da coroação com a assistência de 80.000 guerreiros, ostentando os vistosos trajes e armas de suas respectivas tribus e províncias.

Raz Tafari atingiu a máxima culminância que é dado atingir na Ethíopia. Tudo tem: glória, pompa, riqueza; tudo se lhe oferece.

Mas parece que por vezes esquece os destinos do seu reino e fica-se, alheio ao mundo que o cerca, a recordar a sua juventude na montanha e talvez relembrando com dor a traição da princesa que agora eternamente escuta o grito dilacerante das águias e o eterno trovejar das aguas que da montanha descem ao Rio Abai ou Nilo Azul.

M. G.



Négus, Negesti

seguido de forte escolta dos mais fortes soldados, veio buscar o príncipe que a velha rainha reclamava para o trono.

E, pelos desfiladeiros estrangulados, através pla-

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UM BRASILEIRO DE TORNA- VIAGEM

Como um emigrante semi-analfabeto logra ascender a milionário — Requistando a filha do pa-
de interesse — Amante da sogra e carrasco da mulher — Dinheiro, dinheiro, mais dinheiro — A
marido a prisão perpétua — Afinal, um cavalheiro respeitável, seráfico, que parece não fazer

ANTONIO Luís Octavio é o tipo per-
feito do português conhecido no
Brasil pelo termo picaresco de *pé
di chumbo*. Era na sua terra natal um
José Ninguem, pobretana e invejoso, ali-
mentando no ânimo reservado um surdo
rancor contra tudo o que não possuía:
a fortuna e a inteligência alheias. Apa-
rentemente humilde, cabisbaixo, ingénuo
e tímido, ocultava no peito uma desme-
dida ambição, uma ânsia indômita de
ser grande, poderoso, para poder esma-
gar os outros, os que não pudessem de-
fender-se, os que tivessem de servi-lo ou
viver na sua dependencia. Estruturalmente
cobarde, adulava com humildades de
cão medroso, mas sem vergonha, tódos
os que tinham mais força do que ele e,
por falinhas mansas, jesuiticamente, trai-
çoeiramente, estimava fazer sofrer os
mais fracos, os pobre-diabos, os indefesos.

Embarcou para o Brasil na esperança
de alcançar fortuna e ser poderoso. Ele,
porém, era um iletrado, uma espécie de
analfabeto que, por paradoxo, sabe sole-
trar e rabiscar umas palavras.

O que lhe faltava em competência
sobejava-lhe em esperteza — esperteza
saloia, que é feita de perfídia e velhaca-
ria. Estribava-se nestas qualidades para
subir, para trepar com péssimos de lá a
escada ingreme e perigosa da fortuna.

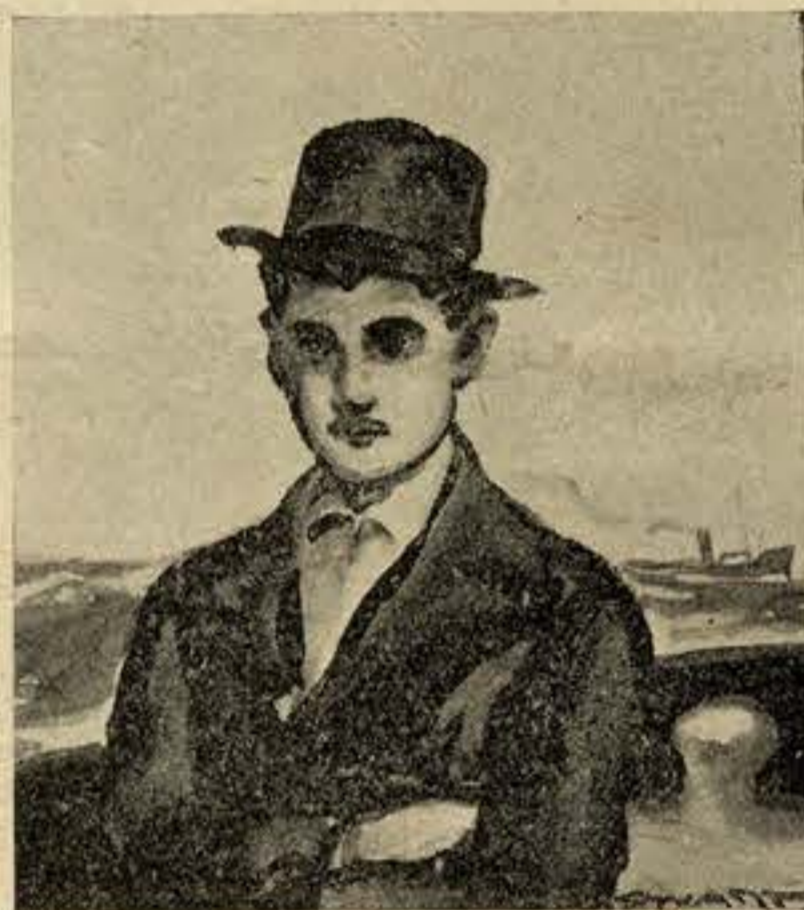
No Rio de Janeiro teve o Antonio Luís
Octavio a boa sorte de se empregar na
firma Casimiro Tavares & C.^a, onde per-
cebia um ordenado de trezentos mil reis
por mês. Para o pobre diabo que ele
era, sem mentalidade, aquêlê dinheiro
seria uma ucharia se a sua imensa am-
bição não fizesse dêle um insaciável. Que-
ria mais, muito mais. Com seus modos
humildes de bom rapaz, com suas falin-
has doces, com seu ar tristonho de
pessoa sentimental a quem a vida não
concede senão torturas intimas, o Anto-
nio Luís conquistou a simpatia de Casi-
miro Tavares, que o admitiu na sua in-
timidade.

Sempre respeitoso, untuoso mesmo
para com o patrão, que era o Deus da
casa comercial com quem convinha
estar em boas relações, o Antonio Octavio
foi requistando à sucapa Iracema Tava-
res, a filha de Casimiro, uma rapariguita
muito nova e ingénuo que não tardou
em cair na rede, acreditando na paixão
do *pé di chumbo*.

Para o Antonio, sórdido, matreiro,

gulosos de fortuna, Iracema era a melhor
mercadoria da casa da qual se apossaria
pela esperteza e pela traição.

Sempre manobrando com os seus ares
seráficos de homem escrupuloso e sin-
cero, o Antonio Luís conseguira trepar
ao primeiro patamar da escada que o
conduziria à grandeza ambicionada. Ca-
simiro Tavares anuiu em conceder-lhe a
mão da filha com a alegria e a certeza
de que a entregava a um homem cari-
nhoso e honrado.



Era um lórpa, reservado, ardendo intimo fogo
de ambição e grandeza

Ah! se aquêlê pobre pai pudesse adi-
vinhar que futuro estava reservado a
sua filha!

REVELA-SE UM BANDIDO

Pouco tempo durou Casimiro Tavares
depois do casamento de Iracema com o
seu empregado — um empregado de in-
fima categoria. A idade e a doença ven-
ceram-no, os desgostos também não
fôram alheios à sua morte, porque a
mulher, a mãe de Iracema, não era mu-
lher de bom porte e arrastava o seu
nome pela lama do Rio de Janeiro. Mal
Casimiro fechou os olhos, o Antonio
deixou cair a mascara, mostrando a he-
diondez da sua alma. Ele era, por ser
casado com Iracema, o herdeiro da casa
comercial da qual se apossou sofrega-
mente, como um ladrão que descobrisse
de repente que podia roubar protegido

pela lei e pela boa fama. E a sua ânsia
de tomar o lugar do sogro era tanta que
até o próprio nome lhe furtou, conse-
guindo com benesses a funcionários,
empenhos e dinheiro, que no seu nome
fôsse remendado o do antigo proprietário
do estabelecimento onde entrara como
moço. Passou então de Antonio Luís
Octavio a chamar-se pomposamente An-
tonio Casimiro Tavares e Octavio.

Mas o estabelecimento, o nome e a
filha de Casimiro Tavares ainda não
bastavam à sua ambição. Queria mais —
e requestou a sogra, sim a sogra, que,
não sendo de difícil abordagem nessa
espécie de relações, também lhe caiu
na rede.

Iracema Tavares, a principio quasi
uma criança, não conhecia bem o ma-
rido. Assistia às suas manobras, primeiro
sem as compreender, depois, quando as
compreendeu, era demasiado fraca e só
para lhes dar combate.

Um dia, coitada, surpreendeu o ma-
rido em flagrante delicto de adultério
com a sua própria mãe, uma desvairada
que não sabia respeitar nem a sua idade,
nem a sua filha. Principiou então para
Iracema a pior, a mais inquisitorial das
torturas morais. Com dois filhos dêsse
homem abjecto, tolhida para a vida e
para o combate, essa mulher mártir não
tinha mais defesa do que a do seu choro,
que é a vingança, a desforra dos im-
potentes.

No entanto, mercê da situação comer-
cial de destaque ocupada pelo sógro, que
Antonio veio a gozar, a sociedade carioca
dispensava ao sclerado as maiores aten-
ções julgando-o um homem de moral
impoluta. Sempre seráfico e untuoso na
vida exterior, Octavio exercia em casa
uma tirania odiosa. Iracema era a vítima.

Ernestina Tavares, a viuva impúdica,
obsecada pelas pérfidas palavras de amor
do genro, torturava Iracema, a quem ti-
nha um ódio mortal.

Chegava a dizer à própria filha:

— Não morre êste diabo que me im-
pede de ser feliz com o homem que me
estima!

Ele, porém, não estimava a sogra, nem
a espôsa, nem os os filhos, que mais
tarde dêle se apartaram — estimava a sua
fortuna e a sua pessoa.

As suas relações amorosas com a sogra,
velha e doida, não tinham a desculpa-las
uma paixão irresistível e sincera — êle não

trão — Um casamento

espôsa condenada pelo

mal a uma môsa...

era homem para amôres desinteressados.
Essas relações tinham apenas um objec-
tivo material e repugnante: apoderar-se
da fortuna da sogra, que lhe coubera em
herança por falecimento de Casimiro
Tavares.

Sórdido, rastejando como um reptil,
convenceu Ernestina Tavares a vender
tôdos os prédios e a dar-lhe o dinheiro
que tal venda produzisse. A velha, endoi-
cada de amôr, fez-lhe a vontade e quando
morreu, em 1926, o Antonio já estava
de posse de tudo quanto lhe pertencia,
evitando assim que Iracema, a verdadeira
herdeira, recebesse um vintem sequer.

CONDENA A ESPOSA A PRISÃO PERPETUA

Há um episódio, passado em 1922, que
dá uma ideia perfeita de quão requinta-
das eram a malvadez e a hipocrisia dêsse
bandido respeitável que tôdo o Rio co-
nhece e finge admirar, temendo o poder
do seu oiro. Não resistimos à tentação
de contá-lo.

Torturada pela mãe e pelo marido, Ira-
cema fugiu de casa, em 28 de Abril de
1922, e foi acolher-se na habitação de
uma sua tia e avó, na Rua Escobar. O
Antonio recebeu por aquela fuga. E' que
Iracema Tavares, livre do dominio que êle
e a sogra exerciam sobre ela, poderia ser-
lhes prejudicial. Fora da acção de terror
que sobre a infeliz senhora pesava, viria
a saber-se quão repugnante era a vida
de Antonio. Seria um escandalo. Pensou,
pois, o comerciante em defender-se e
para isso engendrou um plano de requin-
tada malvadez.

Concertou-se com um advogado do
Rio de Janeiro, um tal dr. Vasconcelos,
ex-director de um Banco falido, para
conseguir a interdição de Iracema, me-
tendo-a como doida na casa de saúde do
dr. Eiras.

Fôram buscá-la a casa de sua tia em
um automóvel que a conduziu veloz para
a aludida casa de saúde. Ali, porém, um
facto insignificante salvou-a da clausura
para tôda a sua vida. Não era permitida
a entrada de doentes depois das 5 horas
da tarde. Regressou o automóvel com
Iracema para casa de sua tia, de onde a
infeliz pediu providências ao seu médico
assistente, o major Moura Ferreira, tam-
bém muito conhecido pela sociedade cari-
oca.



Um dia surpreendeu o marido em flagrante delicto de adultério

O médico era uma pessoa de bem.
Apressou-se a procurar o Antonio Octa-
vio, pedindo-lhe explicações do ocorrido.
O sclerado, então, sempre seráfico, *bon
infant*, quasi ingénuo, respondeu que a
sua manobra não visava outro objectivo
senão o de meter um sustozinho a sua
mulher.

Mas no dia seguinte, às seis horas da
manhã, um enviado do Antonio Octavio
ia a casa da tia de Iracema avisar que
às duas horas da tarde um automóvel
iria novamente buscá-la para a casa de
saúde.

Iracema refugiou-se então em casa do
seu médico assistente, pediu providências
ao chefe da policia, que compreendeu o
melindre da situação, e a 9 de Maio do
mesmo ano alcançava enfim o direito
de transitar sem perigo pelas ruas do Rio.

Os filhos dêste homem cresceram. São
uma senhora já casada em Lisboa com
uma pessoa de boa posição social e um
rapazote de catorze anos que em breve
será um homem. Este, se fôr dotado de
brio, saberá com certeza, quando chegar
à maioridade, fazer justiça ao martírio de
sua mãe, obrigando o pai a indemnizá-la
dos prejuizos morais e materiais que lhe
causou.

O Antonio Octavio esteve há pouco em

Portugal, onde veio estadear, junto dos que
ignoram as infamias que praticou, a sua
abastança de milionário. Atrás dêle veio,
em uma perseguição que tem qualquer
coisa de heroico, Iracema Tavares, que
moveu um processo para alcançar das
mãos gananciosas do marido o que lhe
pertence e aos filhos.

Embarcou o Octavio no *Lourenço Mar-
ques* de regresso ao Rio — onde irá con-
tinuar as suas proezas enquanto a sorte
e a Justiça lhas permitirem.

REPORTER MARIO

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no
Lama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

OS GRANDES MISTÉRIOS DA SEMANA

Os dois esqueletos do "Eldorado Theater" de Budapest

Um enigma que está apaixonando toda a Europa — O segredo da "Boite-Chantecler" e o desaparecimento da russa — Os dois actores húngaros — A passagem secreta — O que dizem os jornais de Budapest



O «Eldorado Theater» de Budapest abriu as suas portas com grande êxito (Foto de «Kriminal Magazine»)

NESTE pacato país que é Portugal não se tem, nem ao de leve, a sensação do grau intenso de febre que a existência agitada das grandes cidades atinge no entre choque contínuo das paixões e das ambições incendiadas pela civilização... De tempos a tempos, um crime sem parentesco e sem premeditação galvaniza os nossos nervos e obriga-nos a lêr com um pouco mais de entusiasmo as reportagens dos jornais. Outras vezes — mas menos frequentemente ainda — um sensacional affaire de Paris, um «caso Landru» ou um enigma como o dos irmãos Balconi, importados a pequena velocidade e exibidos em poucas linhas nos diários, traz-nos a pálida amostra de emoção dos «fait-divers» da capital da França... Mas se fosse possível fazer desfilarem ante os olhos dos nossos leitores todos os factos sensacionais, todos os romances vívidos que diariamente sacodem os espiritos — em Londres, em Berlim, em Roma, em Viena — e mesmo em Paris ou Madrid — os portugueses pasmariam e talvez não acreditassem na veracidade dessas narrativas. A partir do presente número o Reporter X publicará uma reportagem sobre «Os Grandes Mistérios da Semana». Inicia essa série por um assunto que não só electrizou os nervos do país que lhe serviu de cenário — a Hungria — como está apaixonando a opinião pública de toda a Europa.

O ALARME

No dia 18 de Novembro, pelas 8 horas da noite, apresentaram-se no commissariado central da policia de Budapest uns cinco ou seis individuos que fizeram a seguinte declaração ao detective-chefe que estava de serviço e que é dos mais famosos não só da Hungria como da Austria: Alrik Balrovitz (!).

— Sômos os creados dum pequeno «restaurant» nocturno da Rua de Sofia — conhecido pelo nome de «Boite-Chantecler».

A «Boite-Chantecler» é o ponto de reunião de alguns estrangeiros boêmios e alegres que all se divertem até de manhã, bebendo cock-tails, bailando e ouvindo canções de vários artistas que durante a madrugada vão ali trabalhar. A dona da casa é uma senhora russa, cujo título fidalgo oculta e que nós conhecemos por Madame Delza. Madame Delza, que fugiu da Russia durante a revo-



Mark Bild, um dos artistas fundadores do «Eldorado», cujo esqueleto foi encontrado

(Foto de «Frenspost»)

lução bolchevista, em que, segundo conta, o marido e os irmãos perderam a vida, viu-se obrigada a estabelecer este cabaret quasi pacato para não morrer de fome. A casa está bem afreguesada; dá bom rendimento e todos, clientes e empregados, simpatizam e respeitam a Madame Delza, que já não é nova (deve andar pelos quarenta e cinco anos) e que, acarinhando toda a gente, sabe impôr-se quando é preciso.

«A nossa patrão vive no primeiro andar — o único que tem o prédio onde a «Boite-Chantecler» está instalada, ocupando o rés-do-chão. Como se deita tarde — nunca antes das 6 ou 7 da manhã — dorme todo o dia. O pessoal entra de serviço às 6 e meia da tarde, para fazer a limpeza e preparar a sala — visto que o movimento só começa depois das dez da noite. Como de costume reunimo-nos num café vizinho, um pouco antes da hora do serviço — e juntos nos dirigimos para a «Boite». Ora a patrão, que nunca sai de dia e que não re-

habitualmente fechada, estava aberta. Espreitämos e vimos, atrás do balcão, o chapéu e o casaco da patrão — o que quer dizer, parece-nos, que ela não saíu. Temendo que lhe tenha sucedido qualquer coisa, viemos prevenir a policia.»

A CARTA DE MADAME DELZA

Alrick Balrovitz, que escutara num crescente interesse as declarações do pessoal da «Boite», abandonou em silencio a sua mesa de trabalho e pondo o chapéu fez o gesto de que o acompanhassem. O grupo pôs-se em marcha — e atrás d'ele seguiram três agentes da policia, três fiéis auxiliares do conhecido detective húngaro.

Alrick não é homem de titubear. Experimentou a porta — e viu que estava fechada por dentro. Bateu á campainha duas, três vezes — sem melhor resultado do que o que os creados, anteriormente, tinham obtido. Nestas circunstancias — não hesitou: pulando pela janela aberta sobre a Rua de Herving entrou na sala do cabaret e acendeu as luzes. Estava tudo numa relativa ordem — ou seja na desordem normal em que tinha ficado de manhã, após dez horas de orgia. Abriu a porta para que o pessoal e os seus auxiliares entrassem, e depois de ordenar que não tocassem em coisa alguma — pediu a um dos creados que o ciceronasse. Guiado por ele visitou todas as dependências do rés-do-chão, os gabinetes reservados, a cozinha, os «lavabos», o cubiculo do bengaleiro e o pequeno escritório da patrão. Ah, deu-se a primeira surpresa: o pequeno cofre estava aberto — e vazio; mas aberto sem violencia. Quem o abria possuía a chave.

Dirigiram-se ao primeiro andar, que era muito mais pequeno que o rés-do-chão — visto que apenas dispunha de dois compartimentos: o quarto da patrão e um pequeno toilette contiguo. Segunda surpresa. A cama estava intacta. Madame Delza não se deitara. Durante duas horas o detective fez uma busca detalhada e inutil. Não havia um só detalhe que pudesse conduzir á decifração do mysterio. Resolveu retirar-se e isolar-se — para reflectir. Deixou dois agentes de vigilancia á casa — e regressou ao commissariado. Mal entrara no seu gabinete, o seu secretario entregou-lhe uma carta que tinham trazido minutos antes. Mal leu as primeiras linhas — soltou uma exclamação de surpresa. A carta dizia assim: «Não me busquem — porque não me encontrarão nunca mais; mas não desesperem no que diz respeito á minha casa. Ela oculta algo que muito deve interessar á policia e que eu desejaría que a policia descobrisse. (a) Madame Delza.» Alrick nem tirou o chapéu. Foi de novo á procura dos creados do cabaret. Todos eles reconheceram a letra da carta como sendo da patrão.

O caso fez sensação em Budapest. Madame Delza era um «tipo» muito conhecido pelos boêmios elegantes da cidade. O jornal «Frenspost», por onde nos guiamos de preferéncia na reconstituição desta reportagem, publicava, oito dias depois do desaparecimento da dama moscovita, o seguinte comentário: «Nunca regateámos elogios ao detective Alrick Balrovitz sempre que éle os mereceu. Neste caso da «Boite-Chantecler» parece-nos que o conhecido criminalista adormeceu sobre os louros do passado. As suas investigações têm-se limitado ao cabaret; passa lá os dias e as noites — e não nos parece que seja o melhor local para descobrir a pobre Madame Delza. A carta

que Alrick recebeu e comunicou á imprensa não pode de forma alguma ser tomada como um dogma — mas antes como uma habilidade de criminosos para desorientar um policia mais ingénuo do que Alrick Balrovitz.»

Contudo a imprensa era injusta com Alrick Balrovitz. O seu faro não o enganava, obrigando a limitar as pesquisas ao cabaret. A chave do enigma — trazendo um novo enigma com ela — estava ali... Não foi éle, porém, quem a encontrou — embora se devesse á sua teimosia a descoberta...

A MACABRA DESCOBERTA

Ao nono dia, quando Alrick, desanimado, caíra numa cadeira do cabaret — deixando os seus auxiliares mexerem-se por iniciativa própria, um dé-



A cama da russa estava vazia

les — Otto Johwerood, que desaparecera da vista do chefe, gritou, com entusiasmo: «Sr. Inspector... venha depressa! Depressa! Cá está...»

Alrick levantou-se, rápido; orientou-se; e compreendendo que a voz vinha do cubiculo do bengaleiro, para lá se dirigiu. O cubiculo tinha um balcão que dava para o vestíbulo e parecia limitado pela parede onde se afixavam os cabides. Ora Otto batendo nessa parede fizera com que se desenhasse no centro como que um rectângulo. Esse rectângulo correspondia ás frinchas de uma porta — por tal forma dissimulada que fora preciso carregar para que se visse a estreitissima linha aberta nessa porta e a moldura rasgada na parede. Estava fechada e bem fechada. Á tábua dum dos cabides ocultava a fechadura. Arrancada essa tábua, foi preciso arrombar a porta. Alrick contou os auxiliares que queriam, avançar, ás cegas, num impeto de curiosidade.

Mandou buscar umas velas, acendeu-as e, enfren-

tando o grupo, começou a caminhar cautelosamente. A porta dava para um corredor estreito e tão baixo que os obrigava a curvarem-se. Um hálito a bafio, a trapos velhos, a tintas, a humidade empestava a atmosfera... O corredor quebrava-se num angulo recto e depois, alargando-se, era cortado por uma segunda porta. Mas esta nenhuma dificuldade oferecia, visto que apenas a fechava um trinco sem resistência. Vencido este atrito — encontraram-se no patamar de uma escada de madeira, dir-se-ia improvisada — e dividida em lanços de poucos degraus... Súbito Alrick soltou uma exclamação que tanto podia ser de entusiasmo como de terror. Lá em baixo, no último lanço, caídos sobre os degraus, distinguíam-se dois esqueletos humanos, completamente descarnadas as caveiras — mas enroupados, calçados, com colarinhos e gravatas caras, embora cobertas de poeira. Pelos trajés — fácil era concluir que se tratava de dois homens elegantes... Quem eram? Qual o segredo da sua morte? Que local era aquêle?

O ALEGRE TEATRO DE BUDAPEST

Passado o Inferno da miséria e da fome, as populações de Viena e de Budapest foram embriagadas pela ansia de gozarem a vida, de esquecerem os tormentos sofridos. Iniciou-se então uma época de loucura e de divertimento ininterrupto. E tanto assim que Budapest, que se vira reduzida, em 1920, a quatro casas de espectáculo apenas, possuía em 1928 quasi uma centena de teatros, cinemas, music-halls, etc.. Entre as salas de espectáculo que nasceram para atender essa sofreguidão de alegria uma das últimas a fundar-se foi o «Eldorado-Theater». «Star-Theater» era uma pequena «boite» para quinhentos espectadores, se tanto, muito chic, moderna quasi até ao futurismo, que dois actores húngaros muito populares — Tony Jonsen e Karl Dostoleswki — tinham construído por sua conta em 1927 — na Rua de Sofia ou seja no centro da alegria nocturna de Budapest e no prédio contiguo onde, no ano anterior, Madame Delza fundara o seu cabaret «Boite-Chantecler». O «Eldorado-Theater» abriu as suas portas com um vaudeville francês traduzido ao húngaro por um d'elles, («De Wander min Dame») o «Amigo de minha mulher», que teve um êxito de quasi dez meses. A seguir puseram em scena uma peça do género «guignol» extraída do mesmo romance de onde foi tirado o film A Rua sem sol (cujo autor morreu misteriosamente assassinado no dia em que Greta Garbo chegara a Viena para realizar o seu primeiro grande papel cinematográfico). A peça, que se estreou em 18 de Novembro de 1928 (precisamente dois anos antes do desaparecimento de Madame Delza), arrebatou a plateia e mereceu á critica os maiores elogios. As casas estavam esgotadas para os primeiros quinze dias. E apesar disso e com grande pasmo de toda a gente, na tarde do terceiro dia foram afixados uns cartazes em que a empresa, «por motivos imprevistos, era obrigada a fechar temporariamente o teatro.» Já lá vão dois anos — e até hoje o teatro não reabriu nem os seus proprietários tornaram a ser vistos em Budapest. Apesar da popularidade que gozavam — esta sua ausência não provocou preocupações visto que pouco depois do teatro fechado a imprensa recebeu e publicara a noticia que os dois artistas tinham sido contratados por uma casa de películas de Hollywood, para onde haviam embarcado.

...Ora, quando o detective Alrick, após a descoberta dos dois esqueletos, se quis orientar e percorreu o subterrâneo, e encontrou uma nova escada que o conduziu ao palco — viu, com surpresa, que se encontrava no... «Star-Theater».

Estava pois provado que entre o «Eldorado-Theater» e a «Boite-Chantecler» existia uma passagem secreta... Faltava descobrir, antes de mais nada, de quem eram aquêles dois esqueletos. Não foi preciso uma longa investigação para decifrar esse enigma. As próprias roupas e os próprios bolsos dos fatos intactos revelavam o seu segredo: os esqueletos pertenciam aos dois artistas fundadores do teatro e que toda a gente supunha na America do Norte. Telegrafou-se para Hollywood e de lá responderam que os citados actores húngaros nunca tinham sido contratados — nem sequer vistos na capital do film...

MISTÉRIO!

Até ao momento de fecharmos esta reportagem o mysterio mantém-se igual. O detective Alrick, que trabalhava activamente, não conseguiu sequer encontrar a pista de Madame Delza nem uma explicação sobre as ligações insofismáveis que exis-



O detective húngaro Alrick Balrovitz, que esteve em Lisboa em 1928 por causa do Angola e Metropole e que foi encarregado de desvendar o mysterio do «Eldorado Theater»

tem entre este desaparecimento e o drama de «Star-Theater». E os jornais italianos, que como os de todos os países europeus se têm apaixonado por este mysterio, revelam-nos um detalhe novo. Os legistas não encontraram nos dois esqueletos o menor vestigio de uma morte violenta!

Aguardemos o último acto deste drama de guignol sangrento — caso seja algum dia rematado.

Estranhas profissões de Lisboa

O caso triste que D. Dulce Cabral nos conta... e em que se evoca o nome célebre da pobre Rosa Catatau

HÁ dois anos os «reporters» dos diários escreveram um romance á Dekobra com um *fait-divers* da policia. Recordam-se? Rosa Catatau, uma heroína dos «clubs», apparecera morta no seu palco de amor—ou seja no seu lar. A suspeita de crime que se succedeu; a descoberta que ela, a mundana cubiçada nas madrugadas opiadas dos «clubs», não se soltara do envolvero maravilhoso da sua carne, no leito onde a entregaram ao medico, mas sim a meio de uma aventura secreta; tódas as peripécias e surpresas e imprevistos e emoções—e personagens!—que cercaram esse «film» real—produziram um *frisson* folhetinesco no espirito do público. Isso foi há dois anos... Quem nos havia dizer que dois anos depois o seu nome nos seria evocado, nos bastidores da nossa redacção, por alguém que veio atraída pela nossa obra de justiça e de coragem moral. Esse alguém chama-se Dulce Cabral—e vive na Rua 20 de Abril, 54, 1.º. E' uma pessoa modesta, simples, duma sinceridade cristalina; tímida; duma timidez tanto mais heroica que se vence e luta pela dignidade do amor que enche a sua vida. Ela conta...

—A minha historia é vulgar. Sou filha dum trabalhador honrado, chefe de secção no Arsenal da Marinha. Succedeu-me o que succede tódos os dias nessa Lisboa... Ambicionei ser feliz como as donzelas dos romances que lia—e acreditei nas promessas de um homem que soube burlar a minha ignorancia da vida. Oito

dias depois—estava desiludida. Oito anos mais tarde, asfixiava no martírio da minha propria resignação. Tenho um filho. Salvei-me a mim—e a êle, ao meu menino. Meu pai acolheu-me generosamente, dizendo: «Esqueçamos o passado. Enquanto eu fór vivo, a ti e a teu filho nada faltará. Não necessitas pois de mais ninguém—excepto se apparecer um homem honrado que te ame hoje—e que te ame amanhã.» Esse homem appareceu. Chama-se José Francisco Franco, é official de ourives e trabalha na Rua das Atafonas, na officina do sr. Pereira... Fômos felizes durante muito tempo. Mas o meu José, bom em tódos os aspectos—era tambem bom filho. A mãe, que êle idolatrava e mantinha, não via com bons olhos a

sua nova ligação. Pretendia um casamento rico para o filho. Era ela vizinha, frente a frente, na Calçada de Santana, de Rosa Catatau. Rosa Catatau tinha como afilhada e modista uma rapariga vistosa, viva, brilhante, moderna. Não sei porquê, madrinha e afilhada formaram um *complot* para que esta casasse com José. Insinuaram-se no espirito da mãe dêle com promessas de riquezas futuras. José resistiu a tódas as supplicas da mãe; mas eu é que entendi que não devia impedir o homem que amava de ser feliz. Sacrifiquei-me. Obriguei-o a deixar-me. Êle casou. Dois meses depois o pobre rapaz, que é honrado e digno, tinha a prova que fôra troçado, burlado, enganado vilmente. A espôsa que êle aceitara, que êle julgava pura e virgem—tivera vários amantes antes do casamento. Como? Segrêdos dos bastidores da capital.

Ante a eloquência das provas—a espôsa desleal não pôde negar a sua falta. José requereu o divórcio. Mas é pobre. Tinha testemunhas que bastavam para a vitória da causa; mas não tinha o dinheiro suficiente para que elas fôsem ouvidas. Nem sequer foi prevenido. Só depois da derrota é que o advogado veio dizer-lhe que êle tinha perdido porque nem uma testemunha fôra escutada, e a parte contrária, bem endinheirada, as apresentara numerosas. E' lá possível que uma espôsa cheia de razão fique derrotada porque é pobre—e seja obrigada ainda a pagar as custas do processo?»

METAIS-FERRAMENTAS

Rua do Loureiro, 86 a 92
Telef. 434 — PORTO

CASA DOS METAIS
Gomes da Silva, Ltd.
ESPECIALISTAS

Balanças, artigos
para a industria

DEUS DA' A SORTE

a quem se

habilita na

PEDIDOS A

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES

Praça da Liberdade, 129 — PORTO

MANUEL DA SILVA BRAGA

R. DO CARMO, 74
TELEF. 24871

AV. da LIBERDADE, 120-122
TELEF. 24872

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital — 13.500:000\$00

SÉDE — Rua do Comércio, 148 — LISBOA

Caixa Filial no Porto

Agências em tôdas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Elvas, Extremoz, Figueira da Foz, Guimarães e Lamego e correspondências privativas em Moura, Olhão, Portimão, Tórres Vedras e Vila Real de Santo Antonio

Correspondentes nas principais terras do País e nas mais importantes praças do Estrangeiro

PARA O TEMPO QUENTE

TODDY FRIO

UM REFRESCO E UM ALIMENTO RECONSTITUINTE N'UMA SÓ BEBIDA.

Prepare o seu **TODDY** com um agitador

AVENDA EM TODA PARTE

Mantua Lda

23 C. DE S. FRANCISCO, 27 LISBOA

É caro? É! Mas no
ESCONDIDINHO

come-se, porque o
ESCONDIDINHO

é quem melhor serve.



A sua cozinha, os seus «ménus», os seus serviços, os seus talheres, os seus vinhos são célebres e não têm rival.



Rua Passos Manuel -- PORTO

HUVER CONTINENTAL

Porto *rua entreparedes*
147 23

A destruição da paz conjugal

levada a efeito, com requintes de malvez, por um médico de Oliveira de Azemeis, que calunía e tenta matar a tiro um pobre marido que enganou

NÃO é apenas nas grandes capitais — centros de tumulto presididos por um espírito diabólico — que se praticam os grandes crimes, reveladores de morbida sensibilidade e requintada malvez. A província também lhes serve, por vezes, de teatro. Ali para os lados de Oliveira de Azemeis, por exemplo, em uma das freguesias próximas, praticou-se um crime repugnantíssimo que enche de revolta tódas as consciências bem formadas. Esse crime foi praticado, não por um pobre-diabo sem educação, sem a noção perfeita das suas responsabilidades, mas por um homem a quem a Justiça pode pedir, sem remorsos, contas dos seus actos.

UM GRANDE SONHO DE VENTURA

Em Fa-ões, freguesia próxima de Oliveira de Azemeis, havia um pobre trabalhador honesto e sossegado, de nome Antonio José da Rocha, que fazia do seu lar um verdadeiro santuário. Vivia para sua casa e sua mulher, que queria ver feliz, rodeada de confortos inacessíveis aos seus ganhos diminutos.

Acalentava Antonio Rocha o dourado sonho de possuir uma casa sua, só sua, para a família feliz, modesta e trabalhadora. Com sacrifícios enormes começou a erguer, por suas próprias mãos, o pequeno edifício que para a sua ânsia de independência e desejo de felicidade assumia as proporções de palácio oriental recheado de maravilhas. Mas a empresa em que se metera era superior às suas forças e breve verificou que, embora a sua casa estivesse acabada, as dívidas que por sua causa criara não garantiam a sua posse, como ambicionara.

Assediado por alguns credores, e não possuindo com que lhes pagar, resolveu emigrar para o Brasil — essa Terra de Promissão que, se tem acolhido alguns com os favores da fortuna, tem vencido outros com o peso inexorável de cruéis desilusões.

Pensava em levar sua mulher consigo, mas ela era uma doente que talvez não pudesse suportar a longa viagem. Antonio Rocha consultou um médico, o dr. F. P., da próxima freguesia de Cesar, e este, mostrando muito interesse pela enfermidade e pelas prosperidades do honrado trabalhador, prometeu tomá-la à sua conta, vigiando-lhe a doença e porfiando por curá-la. «Que fôsse o Antonio Rocha descansado».

E o homem embarcou com o coração cheio de esperança e fé no porvir.

A LUTA PELA FELICIDADE

Durante quatro anos andou o Rocha pelo Brasil. Fôram quatro anos de luta, de privações, de canseiras, de saudades, agravadas pelo íntimo desejo de livrar o seu lar dos pesados encargos que o ameaçavam. Quando o desânimo principiava a vencê-lo, logo a ideia da casinha distante, na terra natal, da sua mulher que o havia de esperar anisosamente, o



A residência do médico em Cesar (Oliveira de Azemeis)

reanimava, incitando-o na luta sem tréguas pela ventura almejada.

Visionava no Brasil a hora luminosa do regresso, quando abraçasse a esposa querida e os conterrâneos, de sorriso franco, o acolhessem de braços abertos e lhe escutassem o relato emocionante das suas aventuras e da batalha travada para a conquista da felicidade.

Ao fim de quatro anos, junto um pequeno pecúlio que para ele representava uma fortuna, souo a hora ansiada do regresso. Ei-lo a caminho de sua terra, com o seu fato domingueiro, com o seu ar de pessoa solidamente colocada na vida e o seu sotaque a denunciar a bolsa recheada.

Mal teve tempo de abraçar a esposa querida, porque uma ideia o dominava: — uma ideia de honradez louvável — pagar aos crédores para vêr, enfim, a sua casinha livre de encargos ameaçadores. A tódos pagou as suas dívidas e quando se dispunha, por fim, a liquidar as suas contas com a pessoa a quem se considerava mais devedor, ao médico que durante a sua ausência velara pela saúde de sua mulher, alguém lhe soprou ao ouvido um segrêdo terrível.

Seria verdade? Não, o pobre Antonio Rocha não podia acreditar. A notícia, ciciada assim subtilmente, penetrou-lhe

no espírito e desorientou-o. Foi como se lhe tivessem dado uma pancada violentíssima na cabeça. Então seria possível que essa mulher não respeitasse o seu sacrifício enorme, o seu sofrimento atroz no exílio, o seu amor tão puro por ela? E o médico, a coberto da sua profissão, não teria remorsos de abusar de uma mulher cujo marido em longes terras trabalha como um mouro para torná-la feliz? Esse médico seria capaz de transformar a sua profissão em uma gazua para roubar a honra a um pobre trabalhador humilde e honrado? Não, o pobre Rocha não queria acreditar. A infâmia era tão grande que lhe parecia impossível que houvesse entes que a pudessem praticar.

Mas a desconfiança instalara-se-lhe no coração. Não podia viver sossegado. Queria ter a certeza absoluta que, por muito cruel, sempre seria preferível a dívida atroz. O médico, pressentindo a desconfiança do pobre marido enganado, apressou-se a desmentir o boato por intermédio de um amigo. Este, em conversa com o Rocha, disse-lhe que estivesse descansado, que nada se passara na sua ausência que ferisse a sua honra.

Proporcionou-se um dia o encontro alvitrado pelo comum amigo. Foi no dia 20 de Agosto do ano findo que, ao dirigir-se a S. Mamede, o Rocha avistou o dr. F. P. montado num alazão. Quando o viu próximo dirigiu-lhe a palavra.

— Senhor doutor — principiou ele a dizer. Mas não acabou a frase. Um tiro cortou-lha, varando-lhe um braço. O médico, sem mais explicações, atirou-lhe como quem se defende de um cão danado.

Mal refeito da surpresa, o Rocha atirou-se por terra, fingindo-se morto. O médico, montado no alazão, ainda o espiou uns momentos, de olho desconfiado, a certificar-se, de que ele não mexia. Depois meteu-se a caminho e em Oliveira de Azemeis gabou-se de ter morto um bandido.

Mas não ficam por aqui as proezas do médico. Vão mais longe. Depois de levar a infelicidade ao sacrificado trabalhador, ainda o acusou de ser um dos homens que faziam parte de certa quadrilha, cujos membros afinal já fôram tódos condenados há anos.

E' completo este dr. F. P. — um F. P. que tódos conhecem e muitos temem em Oliveira de Azemeis e arredores.

C. A. C.

«ERRARE HUMANUM EST»

A justiça também se engana — Erros judiciários — Um caso célebre em que interveio o dr. Trindade Coelho, pai — O escândalo Dreyfus — Estará Landru inocente? — O caso de Torres Novas — Uma frase de Lombroso — Reparar os erros não é vergonhoso

INFELIZMENTE, a justiça terrena, que é exercida por homens, sujeitos ao erro, e não, como seria para desejar, por deuses infalíveis e onnipotentes, engana-se, por vezes, castigando inocentes e deixando, de boa-fé, escapar os que mereceriam expiar pesada pena.

Não são em Portugal muito frequentes os enganos nos tribunais e, quando



Alfredo Dreyfus

sucedem, eles não apresentam o aspecto irreparável que têm nos países onde existe a pena de morte. Uma vida que se tira por engano não se pode restituir e a liberdade, mesmo tardiamente, sempre se pode restituir a quem a merece.

O ultimo erro judiciário de certo vulto que em Portugal emocionou a opinião pública foi o de Alfredo Mansores, condenado a pena maior por crime de assassinio. Todas as provas aparentes caíam sobre a cabeça desse homem sem culpa, de nada lhe valendo, portanto, os seus protestos de inculpação. Quem acredita nas desculpas do réu? Não é humano, instintivo, no arguido negar a culpa de que o acusam? Mas, por vezes, quando negam o seu crime, os réus falam verdade, apesar das provas bradarem o contrário. Foi o caso de Mansores.

Na revisão deste processo sensacional tomou um lugar preponderante o dr. Trindade Coelho, pai, então Delegado do Ministério Público em uma comarca do Alentejo, conseguindo ao fim de atu-

radas investigações provar que o condenado, depois de já ter sofrido alguns anos de cadeia, estava inocente.

UM TRAIADOR QUE NÃO ATRAIÇOOU

No estrangeiro, porém, como já acentuámos, estes enganos assumem proporções mais dolorosas. A pena de morte dá-lhes uma feição verdadeiramente trágica.

Ainda há quem se recorde do célebre caso do correio de Lyão, que se tornou popular através de uma peça que percorreu os teatros portugueses em uma má adaptação do francês. Julgado e condenado, só depois da sua cabeça decepada pela guilhotina se verificou que o criminoso fôra outro, que conseguira escapar-se à acção dos tribunais. Pagara o inocente pelo pecador. Mas o erro judiciário que nos últimos tempos mais emocionou a opinião mundial foi o de Alfredo Dreyfus. A morte recente de seu irmão Mateus Dreyfus e a publicação de um livro sobre o caso, agora em voga em Paris, veio emprestar-lhe actualidade.

Alfredo Dreyfus fôra acusado pela contra-espionagem francesa de ter facilitado ao adido alemão em Paris um esquema do então novo canhão francês de 97 — hoje uma brincadeira de crianças.

A política e o ódio de raças, porque Dreyfus era judeu, excitou a questão, transformando-a em um incêndio pavoroso que se comunicou a todas as consciências, inflamando-as em apaixonadas opiniões. Formaram-se partidos pró e contra a inocência do capitão do Estado Maior francês.

Por entre, a vozeria dos protestos, foi Dreyfus preso, submetido a conselho de guerra e enviado para a célebre Ilha do Diabo, na Guyana, onde sofreu a afronta máxima da sua exortação, assistindo à própria morte civil.

Como comparsas tomaram parte nesta tragédia, feita de ódio e de dor, as melhores famílias da França, a alta burocracia e os mais respeitadas nomes da magistratura. A justiça pretendia cumprir o seu dever condenando aquêle que se lhe afigurava ser um traidor à Pátria.

A REABILITAÇÃO DE DREYFUS

O condenado nunca deixou de proclamar bem alto a sua inocência. Mas

quem o acreditaria? Era costume todos os criminosos afirmarem a sua inculpação. E' certo que uma légião de jornalistas e escritores de nomeada fazia cóo com êle. Clemenceau, Zola, Anatole France, Mirbeau e tantos outros tomaram a defesa do inocente. Mas uma



Nada mais triste do que ser condenado injustamente

parte da França via nessa atitude de defesa mais uma manobra política do que o sincero desejo de evitar um erro pernicioso, não apenas para o que o sofria inocente, mas para o prestígio da própria justiça.

Em Portugal teve o caso também a sua repercussão, como em outros países. Mayer Garção, há pouco falecido, escreveu uma página brilhantíssima no seu panfleto célebre *Os vermelhos*, pedindo à França da Liberdade e Progresso a reabilitação do condenado da Ilha do Diabo, unica maneira dela se reabilitar também perante o mundo.

O próprio Kaiser, comovido pelo ambiente de mundial simpatia que pouco a pouco se criara em torno do capitão francês, afirmou publicamente a sua inocência. Mas também esta alta opinião se tornara suspeita porque o imperador da Alemanha poderia, com a sua atitude,

(Conclui na pag. 15)

HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da página 3)

gendar a calúnia pela qual devia ganhar a mulher amada... Apertei tódos os parafusos da fantasia. Qual? Como? De que forma? Com que pretexto? Acudiu-me à mente Waterlow... Recordei então que o Dr. Afonso Costa — coincidência — estava em Londres... Era preciso aproveitá-la... Depois os factos... Caneta... tinta... papel... Redigi o telegrama em dois minutos. Só hesitei ante a cifra do preço da venda. Escrevera mil contos primeiro. Hum! Era de mais! Podiam suspeitar... Desci para

Ufa! Sintó agora a consciência mais leve! Conteí tóda a verdade — tóda. Estou arrependido — e pronto para as penitencias mais cruéis! Senhores! Tenham piedade dèste pecador!

Bem! Basta de blague. Traçada a caricatura — vamos falar a sério — e muito a sério. Só ao chegar a Lisboa tive conhecimento da celeuma que levantaram o meu telegrama e o comentário

Podíamos eu ou Mario Domingues premeditar, fósse a que pretexto fósse, uma calúnia conscienciosa contra o Dr. Afonso Costa?

Se podíamos — porque o faríamos? Para ganhar público pelo escandalo? Mas tódas as outras informações não são mais valiosas do que esta? Não tem o Reporter X triunfado até hoje sem necessidade de um desvio? Mas mesmo que pretendesemos vencer pela calúnia — não possuiremos imaginação suficiente para engendramos uma novela mais sensacional? E sendo nós — o Mario e eu — relativamente afortunados em massa cinzenta, pode haver alguém que nos suponha tão imbecis que não medíssemos a responsabilidade de uma afirmação dèste quilate? Pode haver alguém que nos creía tão ingénuos que afirmássemos o que afirmámos — sem a certeza moral de que estávamos pisando o terreno da verdade?

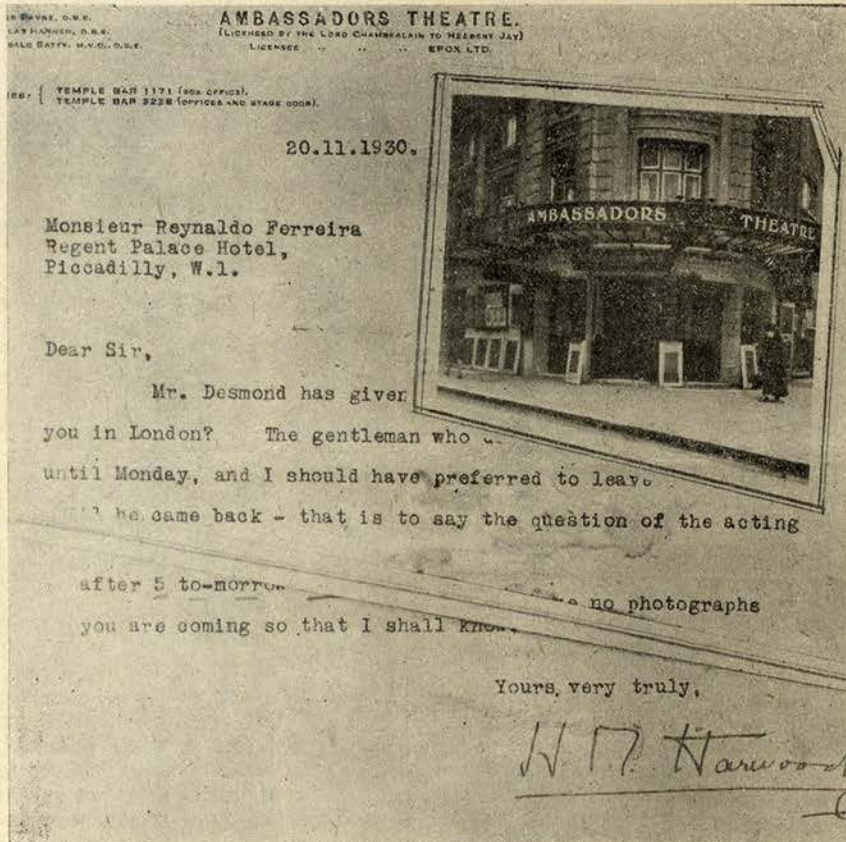
Ah! Não! Mil vezes não! Chamem-nos o que quiserem — menos parvos, porque o não sômos. E não o sendo, sabemos o que fazemos. E sabendo-o nunca arriscariamos a nossá reputação e a existencia e o futuro do nosso jornal e o milagre do seu êxito invulgar — só pelo capricho de fazermos uma partida ao Dr. Afonso Costa!

A história de como chegou até mim a notícia — já está feita. Apresentámos o gráfico do caminho que seguimos. O pessoal do Savoia Hotel que diga quem era a personagem para cujo pseudonimo eram dirigidos diáriamente os resumos taquigráficos do julgamento. Alguem que vive na intimidade de Waterlow confirmou a notícia. O bilheteiro do teatro citado — ex-vítima de Waterlow — segredou-ma. E note-se que tódos êstes trabalhos foram uma contra-prova, a prova dos nove, porque eu não queria telegrafar para o meu jornal o que se cochichava há muito entre os portugueses em Londres, sem ter a certeza de que não me equivocava. E não sendo mentira; e provando que não me equivoquei — porque motivo havia eu de calar-me, se eu tinha ido a Londres para dizer tudo? Ou julgam por acaso êsses senhores que nos atacam que tóda a verdade se deve dizer — menos aquela que prejudique o Dr. Afonso Costa? E porque razão quem disser uma verdade sôbre o Dr. Afonso Costa tem forçosamente de ser um inimigo da Republica? O que tem que vêr a Republica com o Dr. Afonso Costa?

Uma noite, em Londres, um colega meu, português, reporter do julgamento de Waterlow como eu, com quem conversava a respeito do caso, disse-me:

— Meu caro Reinaldo. Sabe V. porque não mandei a notícia clara para o meu jornal? Foi porque, mesmo provando, como podia provar, que era autentica — havia de passar por caluniador...

E' outro o meu critério. Caluniadores são os



O «Ambassador Theater» onde o «Reporter X» colheu as principais informações. — A carta convidando o «Reporter X» a ir ao «Ambassador Theater» a falar com quem estava bem informado.

cem. Era pouco! E trezentos? Trezentos estava na conta... Pois fóssem trezentos... A calúnia é como o pão. O caso é estarmos com a mão na massa — na massa dos reaccionários que me deviam pagar...

E já que conto tudo — confesso outra infamia: a da covardia. Tive medo de arcar com tamanha responsabilidade. Em telegrama à parte ofereci ao Mario Domingues — que também anda com os miolos à banda, por causa de um Wanda — algumas libras para me ajudar naquela ignominia. Combinámos então o crime... Eu mandaria o telegrama em seco... Ele daria o mólho, um mólho gorduroso, substancioso, de margarina falsificada, no qual a calúnia se estrelaria como se fósse um ovo de avestruz...

lógico, natural, merecido, que Mario Domingues lhe dedicou. Pasmé! Por muito longa e profunda que seja a minha experiência dos meus compatriotas e do país — nunca visionei que a minha informação semeasse tão vasto trigal de disparates.

Eu não discuto. O assunto não me interessa. O Reporter X não é jornal político. Não foi feito para servir de pasto à gula dos vermelhos nem dos negros. Resumo apenas os factos.

Fui ou não para Londres para fazer a reportagem de tódos os acontecimentos que se relacionassem com o julgamento de Waterlow?

Dei ou não dei, até agora, uma série de informações inéditas, sensacionais algumas e sem desmentido tódas?

Um singular processo de divorcio

(Continuação da pag. 4)

oculto por um chapéu também negro, de abas largas, caprichosamente recortadas.

Fitaram-se rapidamente sem trocar palavra. E quando ela entrou no ascensor, P. R. agarrava nervosamente o porteiro por um braço e perguntava-lhe com incontinente ansiedade:

- E' esta a mulher da fotografia?
- Não senhor — fez o porteiro com firmeza. — Nem se parece com ela.
- Veja lá? — insistiu P. R.
- Tem a mema altura... mas não é ela.

P. R. formulou depois a mesma pergunta aos *grooms*, ás creadas de quarto, e guarda de noite. E todos assumiram a mesma atitude firme do porteiro: não era a mulher da fotografia, embora tivesse a mesma estatura.

O advogado desceu com manifesta alegria a escadaria do hotel, a fim de vencer o porteiro a ir depôr, no processo, o contrário do que afirmara.

Subitamente uma mulher, vinda da rua, interrompeu a conversação de ambos. Era alta, formosa, elegante, de rôsto pintado e impudicamente decotada.

Quando ella entrava no ascensor, o porteiro, numa brusca familiaridade, tomou do braço de P. R. e segredou-lhe:

- E' aquela... E' aquela...
- ?
- ... a mulher da fotografia!

*
*
*

... E era também a norte-americana, aventureira e muito rica, com quem A. M. pretendia casar, e que se prestara á mistificação, contente por ajudar a caluniar a pobre e honesta mulher a quem roubara o marido.

C. L.

Reporter X

ENCONTRA-SE À VENDA EM TODOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

que duvidam de mim. E digam-me agora, por favor: quem é mais caluniador: O Mario e eu, afirmando o que afirmámos, provando o que provámos — ou aquêles que nos acusam de reaccionários?

Reaccionários, nós?

Têm-nos chamado muita coisa — mas reaccionários nunca! Reaccionários! Que ridículo, senhores, que ridículo!

REPORTER X

UMA CARTA

Recebemos a seguinte carta:

...Sr. Director do Jornal Reporter X. — Ao regressar de Londres tive conhecimento de que alguns jornais tinham transcrito um telegrama enviado de Londres e publicado no Reporter X de 13 do corrente, no qual se fazia a afirmação que eu tinha ido ao Tribunal de Londres durante o julgamento da acção movida pelo Banco de Portugal contra a casa Waterloo & Sons, na qualidade de enviado e representante do Sr. Dr. Afonso Costa.

Como esta noticia carece em absoluto de fundamento, venho pedir a V. Ex.ª o favor de dar acolhimento no seu lido e conceituado jornal ao meu formal desmentido, restabelecendo a verdade.

E' inteiramente inexacto que eu tenha ido a Londres, ao referido julgamento, como enviado ou representante do Sr. Dr. Afonso Costa.

Acitei a incumbencia de ir a Londres na qualidade de consultor juridico da casa Waterloo & Sons, muito livremente, e porque entendi que como advogado português, cioso dos seus direitos e escrupulosamente cumpridor dos seus deveres, tendo uma noção exacta de quais sejam uns e outros, podia honesta e dignamente aceitar essa missão.

Nunca falei com o Dr. Afonso Costa que apenas conheço de vista e não vi em Londres este illustre advogado durante todo o tempo que lá estive, nem mesmo no desempenho da minha função ouvi fazer qualquer referencia ao seu nome.

Agradecendo a publicação desta carta, confesso-me de V. etc.. Victor Sobral de Carvalho.



T. S. F.... X.

A velha casa bancaria T... foi ingerida por um grupo financeiro alemão que o famoso A. da S. organizou... para se sacrificar mais uma vez. Quasi todos ou todos os socios viram as suas cotas devastadas pelo passivo apresentado; quasi todos ou todos — menos o A. da S. O sr. P. B., depois de tantos anos de dedicação e de trabalho, ficou autenticamente na miséria. A grande maioria do pessoal foi despedida pelos novos patrões estrangeiros. Homens que enovelharam ao balcão da casa T... vêm-se hoje na rua, desorientados, sem saber o que fazer. Que dirão agora os amigos da casa T... e, em especial, do sinistro A. da S., que tão ruidosa celeuma levantaram, berrando palavras patrióticas, quando há tempo se falou da intervenção dum grupo estrangeiro no Banco L. & A.?

"Errare humanum est"

(Continuação da pag. 13)

querer defender, não um inocente, mas um homem que o houvesse favorecido com a sua traição. Novamente julgado em Rennes, Dreyfus tornou a ser condenado.

Mais tarde, o presidente Loubet, que o povo de Lisboa vitoriou delirantemente, quando da sua visita a Portugal, indultou-o, reabilitou-o e, depois de o reintegrar no exercito, colocou-lhe no peito a Legião de Honra.

E depois de tanto ruído, tanta luta, tanta dôr, provou-se que a traição fôra praticada por Esterhazy, traidor por di-nheiro — o mais vil dos traidores.

A NOVA OPINIÃO SÔBRE LANDRU

Presentemente está produzindo na sociedade franceza um movimento de piedade a morte de Landru, que o mundo inteiro tomou pelo criminoso mais repugnante do mundo inteiro. Estaria Landru inocente?

Mas voltemos a Portugal. Em Torres Novas foram, não há muito tempo, condenados três irmãos arguidos de morte de homem. Demonstrou-se agora, sem grande esforço, que dois dêles não estavam naquela vila quando o crime se praticou.

«E' grave — dizia Lombroso, uma autoridade em assuntos de criminologia — deixar um criminoso em liberdade; mas isso é, no entanto, preferivel a condenar um inocente».

Os êrros são de todos os tempos porque, segundo reza o ditado latino, «errar é próprio do homem». E', porém, consolador poder-se reparar o êrro cometido. A reparação é sempre comovedora.

COSTA JUNIOR

REINALDO FERREIRA

Chegou a Lisboa no sabado passado, de regresso de Londres, onde foi colher elementos para sensacionais reportagens e assistir ao julgamento de William Waterlow, o nosso prezado amigo e Director do Reporter X, Reinaldo Ferreira.

Esperavam-nos alguns dos seus amigos mais intimos e pessoas de sua familia, que tiveram o prazer de o abraçar.

Todos os que trabalham no Reporter X se regosijam com o regresso de Reinaldo Ferreira, cuja ausência deixara, durante cerca de mês e meio, um vácuo na redacção, impossivel de preencher.

Vendo-o reassumir as suas funções de Director, de que por algum tempo se afastara para melhor servir com o brilho das suas reportagens o jornal a que deu vida e alma, a redacção do Reporter X, como a tripulação de um barco guiado por bom timoneiro, sente-se mais afolta para a grande viagem jornalística que este semanário empreendeu e há-de levar a cabo através de tôdas as tempestades que se levantem á sua volta.

GOSTA DE LEITURAS

EMOCIONANTES ?

LEIA OU ASSINE

**A
NOVELA
POLICIAL**

DO "REPORTER X"

CAPA A CÔRES

16 PAGINAS, 1\$00